

SONHOS E FRUSTRAÇÕES

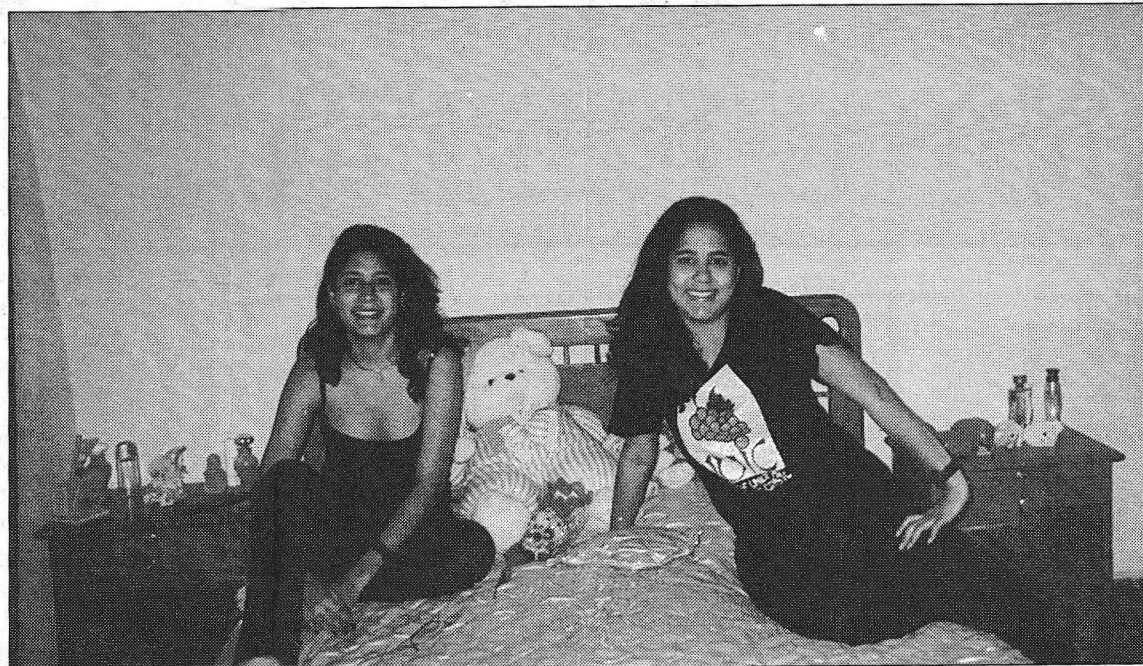
Drama dos brasileiros na Bolívia

Desejo de ser médico empurrou milhares para o país, mas o diploma não vale no Brasil

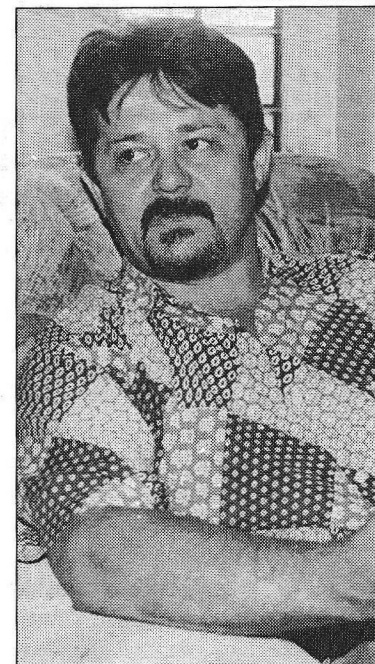
Nos últimos cinco anos, cresceu sensivelmente o número de estudantes brasileiros que se matricularam em cursos de Medicina, Odontologia e Veterinária nas universidades de La Paz, Santa Cruz de La Sierra e Cochabamba, na Bolívia. No total, eles já somam aproximadamente oito mil alunos, segundo dados fornecidos pela Embaixada da Bolívia em Brasília. Um número bastante alto, se considerarmos que o total de alunos de todos os cursos da UnB chegam a 14 mil.

Estes jovens não abriram mão do sonho de ser profissionais de saúde, mesmo não conseguindo vagas em universidades no Brasil. Na tentativa de driblar a concorrência para fazer o curso dos seus sonhos, optaram por uma alternativa arriscada: foram estudar na Bolívia. Mas agora vivem o drama de, mesmo com o diploma nas mãos, não poderem exercer a profissão regularmente no Brasil.

O motivo que leva estes alunos a optar por estudar na Bolívia é muito simples: a concorrência no Brasil para os cursos da área de saúde é desumana. No último vestibular da UnB, por exemplo, cada vaga do curso de Medicina foi disputada por 119 candidatos. Na Bolívia, além de muitas universidades não possuírem Vestibular, o custo das mensalidades em instituições particulares é bem mais baixo. Enquanto no Brasil a mensalidade mais barata do curso de Medicina é de R\$ 1.250, em Santa Cruz de La Sierra este valor pode cair para US \$ 470 (cerca de R\$ 950) por semestre.



Taís e Tatiana no quarto onde moram em Santa Cruz de La Sierra. Francisco, o pai: "Se soubesse não teria deixado elas irem"



Rondônia, Acre, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul lideram o ranking dos estados brasileiros que mais exportam estudantes para a Bolívia todos os anos. De acordo com um levantamento feito por pais de alunos de Rondônia, anualmente estes estudantes injetam algo em torno de R\$ 1,5 milhão na economia boliviana, por meio das mensalidades e despesas de moradia, alimentação e transporte.

O Distrito Federal também não fica de fora das estatísticas. Vários estudantes brasilienses também fizeram a opção pela Bolívia, na esperança de conseguir uma vaga na universidade sem ter de desistir da profissão que escolheram. Entre eles, estão as irmãs Taís e Tatiana Medeiros de Souza. Taís, 21 anos, mora há quase três anos em Santa Cruz de La Sierra, onde estuda Medicina.

"Ela perdeu um tempão tentando vestibulares pelo Brasil afora. Chegou a estudar durante um ano no Rio Grande do Sul, em uma universidade particular. Mas lá ela fazia Biologia, não era o curso que ela queria. Aí, alguns colegas dela, da mesma faculdade, tiveram a

idéia de ir estudar na Bolívia. Eles foram, prestaram vestibular em uma faculdade evangélica e quase todos passaram. Minha filha foi junto. Na época, eu achava que ela estava tomando a decisão correta", lembra o pai das garotas, Francisco Carlos de Souza.

Hoje, Taís já sabe que seu diploma, no Brasil, não terá nenhum valor. Se quiser trabalhar aqui, vai ter de fazer uma prova, elaborada pelo MEC, para avaliar o que aprendeu na faculdade boliviana. Também vai enfrentar o preconceito, já que os próprios colegas médicos daqui discriminam os profissionais que se formaram em países como Bolívia, Paraguai, Uruguai e outros.

Se decidir ficar na Bolívia, Taís também vai enfrentar dificuldades. "Lá o sistema de saúde é péssimo e o salário dos médicos é vergonhoso. Faltam medicamentos até nos hospitais particulares", revela Carlos. "Mas o mais engraçado é que os médicos bolivianos que vêm para o Brasil conseguem empregos nas cidades da fronteira, enquanto os brasileiros que vão estudar lá e depois voltam ficam na rua", critica.

Tatiana, 19 anos, irmã mais nova de Taís, cursa Odontologia na mesma faculdade, em Santa Cruz de La Sierra, desde 1997. Deprimida e estressada, ela não conseguiu se adaptar à vida na Bolívia. Por causa de uma bronquite que tem desde criança, precisa ser internada em hospitais sempre que as temperaturas baixam muito. "Ela nem queria terminar este ano lá. Quando nós falamos por telefone, ela só diz que quer voltar, mesmo que tenha de começar do zero e prestar vestibular novamente", conta o pai.

Ele afirma que já pensou várias vezes em tentar transferir suas filhas para universidades brasileiras, mas esbarrou em uma dificuldade: a corrupção. "Uma pessoa já me pediu R\$ 10 mil para garantir uma vaga para minha filha em uma universidade pública. Outra universidade particular, de fora do DF, pediu R\$ 5 mil para aceitá-la como aluna. Eu não tenho todo este dinheiro", diz. Como funcionário público, Carlos recebe R\$ 2,2 mil por mês, e gasta 70% do salário com as despesas das filhas na Bolívia.

A outra opção de Carlos para trazer suas filhas de volta se-

ria travar uma batalha judicial com as universidades brasileiras, na tentativa de conseguir a transferência. "O problema é que esta batalha é demorada e muito difícil. Mesmo quando as universidades aceitam os estudantes, recusam-se a aproveitar várias disciplinas que já foram cursadas lá fora, porque o currículo dos cursos tem algumas diferenças", explica.

No Brasil, foi formada uma Comissão de Integração dos Médicos para o Mercosul, em 1993, com o objetivo de subsidiar a regulamentação do exercício da Medicina de forma integrada entre os países membros. Mas, em seis anos, as negociações praticamente não tiveram avanço. Diante de tantos obstáculos, Carlos teme que todo o tempo e dinheiro gastos sejam perdidos. Depois de três anos investindo nos estudos das filhas, ele diz que seu maior arrependimento foi ter permitido que elas fossem estudar na Bolívia. "Se eu soubesse que haveria tantas dificuldades quando elas voltassem, jamais teria deixado que elas fossem embora".

VALÉRIA FEITOZA

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA